



São Jerônimo

Os campos e as cidades

Lilia Katri Moritz Schwarcz

Divisões em áreas de conhecimento têm suas próprias causas e desenvolvimentos, e é dessa maneira que deve ser encarado o debate que se vem travando entre a história, de um lado, e a literatura, de outro. Dentre os historiadores, o interesse pela literatura tomou muitas vezes um caráter secundário e meramente exemplar, já que esse tipo de material parecia servir apenas para ilustrar ou (re)comprovar afirmações e teorias anteriormente estabelecidas. Críticos literários, por seu turno, utilizaram-se da história para contextualizar ou biografar períodos e autores, como se a análise temporal fosse antes um apêndice – isolado e autônomo – em meio a modelos caracterizadamente literários.

Separava-se portanto de forma bastante rígida a história, em seus aspectos sobretudo políticos, econômicos e sociais, da produção literária, encarada enquanto espaço de arbítrio e de decisão do indivíduo.

Se é possível dizer que os impasses dessa dicotomia radical vêm aos poucos se atenuando, é também preciso estabelecer que, ao menos quando se pensa na produção histórica, a obra de Raymond Williams teve um papel fundamental na definição dos caminhos desse fecundo debate. Desde a publicação de *Cultura e sociedade* há 30 anos, já era clara a preocupação de Williams em trabalhar com idéias e imagens – caras à discussão historiográfica – mas cujo material básico era constituído pelas expressões e construções no interior da literatura, sobretudo inglesa.

Em suas análises, porém, o tratamento dado às obras culturais, constantemente introduzidas em seus livros, não se resumia a uma abordagem simplista e redutora. Ao invés, e compartilhando das premissas de uma geração de historiadores ingleses de esquerda, como Hill, Thompson e Hobsbawm, Raymond Williams buscava negar análises deterministas então dominantes, insistindo na importância de se apreender a relação entre diferentes manifestações da vida social. As obras literárias não se constituíam, portanto, na perspectiva deste historiador inglês, em produtos ou reflexos de realidades constituídas alhures, nem tampouco em ganchos autônomos que prescindiriam de maior vinculação ao contexto imediato. Ao contrário, o autor ia a elas em busca de representações de época, que somente quando inter-relacionadas fariam sentido compondo um todo, mesmo que tênue e em constante transformação.

Estes são, de certa forma, alguns dos supostos que se mantêm também nas reflexões que resultaram em *O campo e a cidade*. Publicado originalmente em 1973, o livro tem como objeto central recuperar as diversas respostas que a literatura e o pensamento social inglês deram a esses dois tipos de comunidade constantemente representados e contrastados. De fato, tema recorrente na história de nossa cultura, a tensão entre o campo e a cidade, apesar de revestida de significados diferentes, acabou por polarizar as concepções dominantes entre duas grandes alternativas: de um lado o universo rural, poço de tradições e da harmonia com a natureza; de outro a realidade urbana encoberta pelas aglomerações e pelo esmagamento do indivíduo. O bucólico em contraste com o mundo da industrialização. O passado insistentemente apagado frente ao futuro que a "verdade urbana" parecia em si personificar.

LILIA KATRI MORITZ

SCHWARCZ é professora do Departamento de Antropologia da USP e autora de *Retrato em branco e negro* (Companhia das Letras).

O campo e a cidade: na história e na literatura, Raymond Williams, tradução de Paulo H. Britto. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1989, 440 pp.

Assim, através de uma variedade de experiências – de Juvenal a Dickens, de Joyce a Blake – Williams vai identificando e remontando essa mesma dicotomia, que através do tempo parece retomar uma espécie de estrutura simbólica, bastante permanente em nossa sociedade. O campo em sua nostalgia e dignidade perdida; a cidade-espaco da degeneração: "Que posso fazer eu em Roma?", dizia um camponês descontente, "Nunca aprendi a mentir!"

Mas se a separação já era clara e abertamente cantada desde a velha civilização greco-romana, o que dizer de nosso modelo atual, onde parece imperar uma espécie de "industrialização universal"? Segundo Williams é a partir do século XVIII, com o rápido processo de expansão e transformação das cidades, que essa percepção tenderá a se afirmar e concretizar. Em meio às novas visões moralizantes dos que se escandalizavam frente ao "desperdício e devassidão" nos novos centros urbanos em formação, havia lugar, e cada vez mais, não apenas para o contraste com a "natureza inocente", como também com a "indústria civilizada" porém destruidora. Nas falas dos diferentes autores, o que se fundia, então, era uma visão contraditória de vício e protesto, crime e vitimização.

"rio infindo de homens e coisas!...
a dança rápida, de formas, luz e cor;
o insuportável ruído;
os que vão e vêm e passam rosto após rosto"
(Wodsworth, 1771)

De fato, se o contraste entre riqueza e pobreza não era qualitativamente diferente do existente na ordem rural, era porém mais intenso, geral e problemático. As cidades conformavam novos complexos de relações físicas e sensoriais, novas percepções que destacavam a perda do indivíduo em meio à multidão. O mundo urbano criava, portanto, paisagens inusitadas, realidades heterogêneas dificilmente captáveis a partir de um gesto retórico de uniformidade. Assim, frente às crises do início do século XIX, e à crescente afirmação da ordem capitalista, enquanto as cidades inchavam chamando atenção pela sua complexidade social, a estrutura da Inglaterra rural mais e mais caminhava por vincular-se à realidade mais global do país. Perdia o campo a sua independência em prol de um sistema de produção cada vez mais coeso.

No entanto, o mesmo ato que denunciava as conseqüências desse processo era aquele que ignorava ou continuava a idealizar a situação formal. Nessa perspectiva, os contrastes se revestiam de novas colorações: a experiência da cidade apareceria como um modelo "opaco" e, portanto, de difícil tradução, já que seu compromisso resguardava-se na realidade futura do porvir. O tipo campestre, por outro lado, se cristalizaria nas obras e teorias sociais da época, como "transparente" em sua representação e idealização, como a lembrar um passado que vivia isolado em meio a essas comunidades.

As polarizações sucediam-se, portanto, tomando sempre novos contornos: campo e cidade, harmonia e conflito, natureza e civilização e agora – em finais do século passado – limpidez e opacidade. Esse incessante modelo bipolar conformava, por sua vez, jogos de oposição, estratégias de diferença, que antes mascaravam novos contextos, desviavam constatações, do que ajudavam a revelar a nova paisagem já consensualmente pintada.

Mais fácil era, portanto, deixar separado o campo da cidade e em seguida distinguir modalidades diferentes de literatura. O grande desafio na obra de Williams, no entanto, estava em perceber e enfatizar as conexões, já que segundo o autor o contraste teria servido antes para promover comparações superficiais do que para tecer paralelos reais. O que acontecia afinal na estrutura global, em um mercado urbano e industrial cada vez mais organizado, tinha seus efeitos também sobre uma economia rural essencialmente subordinada e, agora, apenas em parte domesticada.

Não se tratava, portanto, de reificar o contraste puro e simples entre "interior rural e exterior urbano", na medida em que ambos passavam por novas definições. Assim, longe do suposto evolucionista de que todo "o campo vai virar cidade" (irmão fraterno do nosso famoso "o sertão vai virar mar"), o que o autor busca desvendar é antes a lógica de países centrais que desenvolveram "nações subdesenvolvidas", dentro e fora de seus territórios, a fim de satisfazer necessidades próprias e "desenvolvidas". Nessa perspectiva ampla, imagens mais antigas e antagônicas entre campo e cidade passavam a parecer obsoletas, já que ambos os espaços começavam a ser entendidos enquanto realidades históricas comuns e, portanto, em constante processo de transformação.

No entanto, se logicamente é clara a conexão entre as duas comunidades (e atualmente é ainda mais fácil a compreensão da dependência que a cidade impõe ao campo), resta entender



Banco de Dados

Um olhar "vôo de pássaro" pelo Hyde Park londrino; meados do século XIX

Vista de Calder Valley, no Yorkshire, Inglaterra, com o centro industrial de Sowerby Bridge ao centro; por A. F. Tait, 1845



por que as mesmas idéias que opõem o urbano ao rural conservam ainda hoje sua força e penetração. Nesse sentido, pensar na "persistência" do contraste parece tão significativo quanto captar a variedade das definições.

Mito fundamental do pensamento social moderno, a polaridade "urbano-rural", se frágil, enquanto explicação conceitual, resiste como um consenso que revela o perpétuo e contínuo recuo a uma sociedade organizada e natural. Modelo lógico elaborado por Rousseau, a crença em um passado paradisíaco e harmônico foi e é ainda retomada não mais enquanto um esquema racionalmente exterior. Como nos mostra o caso inglês, que é em si exemplar, a ilusão protetora da crise de nossa época restaura, em momentos certos, uma imagem sedutora, segundo a qual a transição da sociedade rural para a industrial é encarada como uma espécie de decadência, a "verdadeira" causa da origem de nossos problemas e convulsões sociais.

O contraste entre estruturas tão díspares na representação, e tão vinculadas na sua prática mais imediata, restaria, portanto, como a capa necessária a vestir nossa consciência da crise atual. Joga-se no passado mítico e rural aquilo que se desfalda a nossos olhos – a grande crise de nossa civilização urbano-industrial –, como a garantir que o presente e o futuro dessa forma se guardem e restem intocados.

Crise da civilização industrial, crise da urbanização, fragmentação do indivíduo, perda da identidade, são algumas das questões que Williams se preocupa mais em levantar do que em desvendar. Afinal, o que resta dessa contínua necessidade de contrastar senão a própria perplexidade?

O campo e a cidade restitui, com uma erudição incontestável, a ênfase na variedade e na persistência dessa experiência que consiste em identificar o "eu" a partir de seu espelho invertido, de sua alteridade mais absoluta. Será talvez essa a única fórmula encontrada, e por isso mesmo a mais perene, de experimentar e transformar esses muitos "campos e cidades" que vivemos e guardamos, insistentemente, dentro de nós.